[POESIA]

AMANHÃ ,TALVEZ, FARÁ SOL

Celso Godoi Neto

[ ][ ]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca Paraná

insight
EDITORA

AMANHÃ ,TALVEZ, FARÁ SOL

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT

Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR
Tel.: (41) 3023-3774
www.editorainsight.com.br
contato@editorainsight.com.br

Coordenação e produção: Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

Auxiliares de produção: Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

Revisão de texto: Alvaro Posselt

Diagramação: Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro e Marina Mendonça

Autor: Celso Godoi Neto - godoineto@yahoo.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Godoi Neto, Celso
Amanhã ,talvez, fará sol / Celso Godoi Neto. - Curitiba, PR : Insight, 2024.
80 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-65-88617-93-9

1. Poesia brasileira. Literatura brasileira - Miscelânea. I. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.1

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR.
(Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2024

AMANHÃ ,TALVEZ, FARÁ SOL

Celso Godoi Neto

Curitiba 2024

EDITORA

todos os erros são propósitos

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma

Alberto Caeiro

a ida

i

nos próximos capítulos
poamarei uma hestória de amor
sim meu caro cara ou coroa uma hestória...
uma hestória com muitos es
porque é mágica
com h porque é real
com es porque é bela
com h porque é trágica
verdade e mentira juntas e separadas
em papéis avulsos inversos
e invertidos onde ora a verdade
é a grande ilusão dos fados
e ora
a mentira é a mais pura veracidade dos fatos
entre um poeta e uma poesia
entre um homem e uma mulher
entre o permissível e o impossível

entre

a ida

ao primeiro instante que a vira
sentira que era
mentira
ouvira os anjos
e suas liras
pensara que era
delírio

com seus seios
cheios
e sua pele
macia

não sabia
quem seria
a deusa
ou a poesia

iii

n´outro dia encontrara
a senhora que sonhara

pelaldeia a seguira
sem saber pra onde ia

olá me chamo alberto
e de perto a acompanhara

por gentileza
poderia levar o peso
e o pagara com um beijo

e descia todo dia
da encosta
ao vilarejo

olho busco procuro
mas o não vejo

e às tardes
no pastorear manso
assim nela pensava

e às noites
ao descanso
com ela sonhava

iv

há pouco
ao amanhecer
o dia me acordou
pensando pensando pensando
mas não nada para pensar de verdade
porque pensar é não saber
sentir nada na verdade
por isso agora parei de pensar
para ficar sentindo
sentindo sentindo
este poema qu'está dentro de mim
e faz sentido

v

forjada
a fada sem asas desalada
descia e desdescia
sempre sempressa
calada

e o ferreiro
forja a forja
enquanto a forja
forja-o primeiro

ooh forjador caeiro
aah pastor ferreiro

e o guardador sentiu a mesma
sensação da ovelha esma

longe do rebanho
apanhada de surpresa

nascera em lisbôa
fugira de lá
para morar
longe do mar
e mergulhara ao ribatejo
em sualdeia a amar
mais bela que o tejo

amar que vem para bem
há mar que é maremoto

vi

e os dias seguem
que sigam
segundo a segundo
seguindo
n'algo que temem
mas ficam
minuto a minuto
mentindo

memória de nunca
ter
sido um dia feliz

aurora de nunca
descer
no céu de anis

jamais zarpar do cais
e a favor do rio
ademais sempre queimar a fio

vii

instigando as entranhas
um dia ela o olhou
e o triste olhar
b
a
i
x
o
u
à dor triste
que existe
e persiste
morder cada segundo
outro mais um
a menos
temor que temos
em tudo
que tememos

viii

e todos os dias
acordava a esperança
espera ânsia
ao vê-la passar
ante instante ontem
estonteante
marcada a ferro
e mágoa e fogo

queimar ardente
dor que não mente
noite após noite

livre
libertar
do açoite

ainda

ela... também nele pensava
como o mar pensa no céu
para encontrar-se no horizonte

como as ondas pensam n'areia
para morrer em paz

mesmo no dia
que seus corações não se viam

o vento que soprava era o vento
do seu pensamento que voava

ou mesmo a brisa que brisava
a lembrava e ansiava
o próximo momento...

era tudo que guardava

x

por que acordaste cedo cedo tão cedo
seria vontade de correr trabalhar
seria talvez medo de sonhar
ou então medo de voar
esfregar lavar
esperar
e
passar
e esquecer
qu'estamos aqui
para não sermos felizes
e esquecer qu'estamos aqui
por um triz assim pra ser feliz

xi

ao recanto solitário onde pairam as borboletas azuis
fenecem mágoas nuas
cintilam águas puras
irradiam paixões púrpuras

nos raros beijos suculentos junto aos brejos e às cascatas
sibilam razões adormecidas nulas
adornam laços e abraços jubilares
atrofiados no desencanto tosco

e leve é o voo das borboletas azuis
suave seus abraços junto aos ventos
que aos poucos cintilam irradiam fazem jus
à catarse dos beijos molhados suculentos
sentimentos dos momentos que seduz
a mais bela luz das luas de encanto

xii

assim certa vez a tomara nos braços
ao olhar dos galhos
ao cantar dos pássaros

porque deus existe
porque existe o sol
e existe a terra

e existe o homem
e os corações
e os amores
e um mundo inteiro dentro do poeta

e com ela ao seu lado
tudo ao redor era sagrado

xiii

sim... eu a vejo no olhar
quando olha o mundo ao redor
pois tudo transparece mais belo
e mais vivo e mais lúcido
porque és sol
e eu lua
que ao dia ofusca as estrelas
e à noite... quando deito...
brilho na tua presença em mim
e o mundo parece ter sentido
e o mundo parece ser honesto
e mudo recosto-me em teu rosto

xiv

tempos de batalha
vida banalha
migalha
falha
noite
bastarda

corte
morte
marte
mar de morte
parte parte
parte fica
eterna e extinta

comaprofundodomundo
desastres
destroços
desastrossos
desastrosos ossos

do possível

doportodelisbôapartiu
eminíciode1916
onaviolondres
fumegando fugindo
paracruazar
todoatlânticorumoaoriodejaneirocapitaldobrasil
levandooferreiro
amulherdoferreiro
eocoraçãocaeirodejoelhos

aaaaamar português quando
dos filhos e filhas de portugal
deixará de ser lágrimas
por quantas milhas terás que navegar
para parar
de chorar tuas lástimas

e quanto ainda jogarás
nas profundezas do teu abismo
dores e amores
a espelhar teu cinismo

xvi

ele a amara mais do que tudo
ela o amara mais do que nada
ela era a poesia viva
ele era o poeta vivo
mas ela sabia
que ficar não podia
porque o mundo... o mundo travesso não deixaria
e o destino, aaah! obstinado menino... não quereria
compartilhar com seu amor
e ela fugira enquanto o irônico navio a vapor queimava
toda a tristeza que embebia em seu ser
e o poeta voltava
a sua aldeia só... para só deixar de viver

xvii

depois que sua amada partiu
com seu coração partido
o pastor amoroso
calmo como a tormenta
se despiu

e do cajado se despediu
e as ovelhas fugiram pela encosta
e nunca mais tocou sua flauta
e nunca mais tocou seu cajado
outros recolheram-lhe as ovelhas
mas de que adianta... ninguém ficara afinal
quando se ergueu da encosta e da verdade real viu tudo
os grandes vales e as grandes montanhas iguais
o céu e o rio e os campos que desexistem
e sentiu de novo a brisa que o abria... com dor...

após este poema tudo ficou mudo
o poeta a perdera à guerra do mundo
à guerra da terra
à guerra qu'enterra

xviii

e ninguém nota
o motivo da derrota
e o poeta à deriva
conota em sua rota
o lento relento do tempo

e como quando
não há vencedores
tanto quanto
neste circo de horrores
ninguém vence
suas dores

só tomamos nota
ao mudarmos a rota rota
desse barquinho
menino
chamado destino

e a doença é força
na dureza da fraqueza
e a perda é ganho
na pureza da derrota
e a tristeza é um rebanho idiota

e ao alterarmos a rota
é que se nota...
navegar na solidão...
é preciso...
luz na escuridão... ...
preciso...
é tudo preciso
...~...~...
nesta embarcação imprecisa
.~.~.~

xix

a julgar o amor que sinto... é dor
que vem não vai e adormece
aumenta cresce e tece
jamais desaparece
como a borboleta
volta-se lagarta
no casulo fechada
esperando o inverno
para voltar-se verme

aaaaaaaaaaaaaaaaaaah
como quereria eu ver-me
nesse passamento disforme
desse ínfimo inseto calado podado
a esse desnudo corpo fechado
a nada dizimado
a estancar o coração
desgovernado

ao impossível

eles escalaram até
ficaram descalços
mãos em laços
em silêncio
parados

a lua cheia

observaram-se aos astros
recostaram seus abraços
perdidos... não não
não não eternos
filtrados

a partida

i

hoje acordei tão cansado
cansado de estar tão cansado
cansado por ser cansado
por tanto estar atado
ao cansaço
de cantar
cansado
o espaço
entre mim e o cansaço
se verem-me àldeia
andando só... sentado só... somente só...
desdigam-me seu oi amarelo...
desdeem-me seu par de muletas...
destravem suas bengalas...
deixem-me só
sossobrado à solidão
se virem-me por aí
digam que desdisseram-me olá
e que não respondi
ou melhor
desdigam que sorri
calado

hoje acordei cansado
de abrir venezianas escuras
em noites escusas sem lua
infindas eternas e nuas
sem dias sem sóis a sós...

viver é só
uma pequena cerimônia
da insônia

de quando

ontem, mesmo atadoaocansaço, acordei mais cedo
porque não consegui dormir
sem medo
do sol não surgir

e quando ele desbrilhar
de vez será diferente
as estrelas cairão no mar
incandescentemente
e iluminarão
a noite
ardentemente

não fico triste
se hoje o mundo
se perdeu sozinho
quem foi que
nos disse que havia
outro caminho
se as horas exatas
foram tiradas
e as erradas dadas
sigamos pelos segundos
rolados como dados

somos cerrados
e desjuntos
ponteiros
de relógios parados que andam
desencontrados
desde o futuro
até o passado

iii

nestoutra má manhã
bem fria
cabia maumeu peito baixado ao cobertor
sabia quem bem mal seria
meu terno eterno amor

iv

sonho
pesadelos
dos plenos ficaram planos
vertigens e miragens

dormir acordar
levantar deitar
viciocioso

rascunhado
palhaço

astronomeu
filme mudo
de terror

desespelhado
e sem cor

queda livre
entre nuvens

pássaro fantasma
diáfano sem plasma
tímido inimigo híbrido
carrasco covarde que arde
inmemórias varridas
pelo vento lento do tempo
dessentimento

velho trapo
me cato
como men digo

deletador
d'antes do invento
que chamarão
computa dor

V

perjurei amor à terra
e se deus existe
e existe a terra
e se deus for tudo que nela há
e nela há sofrimento
então perjurei deus

perjuro deus por ter-me dado esta consciência
como aranha que enteia
enlaça
encasula
enclausura
e suga... do inseto que sou

e nossôfregos caminhos de minh'aldeia
cambaleio
dopado por veneno
em pensamentos hostis

e odeio sem odiar
ou me odeio sem parar...
quem odeia cambaleia
ou só pratica
a titica de odiar...
aqueles a quem odeio
me odeiam
ou me rodeiam...
ou eu que mestou a rodear...

sei que queres de mim
sempre deixado
abandonado

largado
esquecido
para último plano
nas certezas de teus planos...
quem ama sempre tem a dúvida de ser amado

quem fez o amor
deus ou o diabo...
eu sei que deus é o sol
e o sol alimenta a flor
que é amor e beleza

mas se o amor for coisa do diabo
por que então existiria o sol
que alimenta a flor
que é beleza
que é deus e é amor

assim mensinaram as coisas
assim aprendi a pensar nas coisas
nesta vida de torpor
onde tudo é por amor
que me deixou nada
além da úmida uva em dias de chuva
que me alimenta como seiva
ou mesmo saliva

meu vinho é meu companheiro
meus dedos cinzeiros

abandonei o pastoreio
e sigo agora no enleio
em meio ao sereno
do meu coração sem freio

e como o quero frear
brecar... parar esta bomba sem eira
nem beira ao longo do meu tejo
meu desejo que sumiu... partiu...
foi à dona que nos pariu
como o benfazejo rio
fez-se um mar vazio
que agora é ond'estou...

n'algum canto escuro d'algum quarto...
na mata ou no lago profundos...
dentro de um muro...
no cano de um revólver pronto a ser atirado ao infinito...
à deriva no meio do mar pranto de mim mesmo...
no lado de dentro d'olho do tornado...
~~~~~~~~~~
apaguem-me as luzes
encerrem-me as buscas
prossigamos amanhã talvez
se meu mal tempo deixar
começaremos pel'outro lado
hoje... já se jaz tarde...
~~~~~~~~~~

vi

meu nome foi alberto caeiro
fui poeta fui pastor e amei a natureza
hoje mentristeço intrinsecamente
tudo cabia no meu vil coração
o céu o sol o mundo
que hoje é absurdo e mudo

vi flores
vi pássaros
rios e cascatas
rebanhei ovelhas
jamais guardei coisas velhas
no meu peito até então intacto

hoj'estou sem tato
paladar e olfato
a música da flauta
não escuto
não luto ou reluto
tudo que vejo é luto

sou homem sem sentido
sem mão ou via
essa coisa que caminha
ia... e o que vai... foi
chegada sem tchau
despedida sem oi

vii

anjo...
onde estás
senão por detrás
destes pensamentos

será que onde andas terás
senão tua paz
menos sofrimento

ao partir
partira
o que um dia
fora inteiro

minha poesia
e meu coração
ca ei ro

sobrei
sombra
e sobra
sombrarei
nesta obra
a sombrar...
de nossas asas
só sobrara
meio par

viii

ao não sentires bem
sempre saiba sempre
tem alguém
que o ama e chama
meu bem... passarinho

se sentires sem carinho
de jeito feito
coraçãozinho sem peito
além do vento
sempre tem um cantinho

não se sintas só....
se sentas e só sintas
o voo livre e a tinta
que pintas suas cores...
acalantas nuas dores

voa... só voa meu caminho
anda e canta essa canção
se hápenas penas no seu ninho
de um sozinho passarão
bate asas passarinho...

o passarinho

pas
sar
inho
pass
arin
ho
passa
ri
nho
p
assar
inho

pas passarinho
passa passarinho
passar passarinho

passarinho sem passo
passarinho sem asso
passarinho sem asa

x

hoje não acordei com vontade de star com você
hoje acordei com vontade descer você
porque meu sentimento é tanto quanto
que star com você
começa ser somente eu sem você

quero star dentro de você
sentir o que sente você
pensar como pensa você
não eu mas você

não almas gêmeas
mas juntas
grudadas
coladas

e quando a eternidade nos abrasar
pintaremos o universo de cada estrela
e a noite não será
como ela
o céu estrelará colorido
e tudo terá
sentido

xi

éééééé meu eu
passarinho
é assim
que se chora
sozinho

prendendo
o soluço
com medo
de alguém
ter um susto

sergurado
serguiado
ao pranto
com a cachola
ébria
girando

aahh seu tolo
absorto...
perguntar
a um passarinho
morto

xii

hoje acordei tão triste
mas tão triste
mas tão triste
de não ter jeito

porque há
um passarinho morto
dentro do peito

xiii

mataram o passarinho
que cantava mudo e sozinho
silenciaram seu coraçãozinho

quem o fez
foi gente que pensa
foi gente que pensa que pensa
não foi gente que sente
não foi gente que sente que sente

foi gente que pensa
filosofia
não foi gente que sente
poesia

beijar a flor

eu beija-flor
sou a menor
avezinha do mundo

minhas asinhas
batem só
setenta vezes/segundo

meu coraçãozinho
é só um quartinho
do meu corpo

mas aaah se te voar parar
estarei morto

eu só-beijo você
minha flor
porque a amo
meu amor

meu único
e só sustento
é o néctar
a te sugar para seguir em terceira pessoa
neste momento

xv

tenho uma pomba azul

e essa pomba a-sul mora
bem dentro do peito
e sempre que a pomba azul voa
eu voo com ela e a deixo
que todos nos vejam pombando

mas essa pomba a-sul
nem sempre é azul
às vezes essa pomba
é pomba-relógio
e ninguém a vê
booooombaaaaando

u u
u u
u u
u u
u u
b m

xvi

ida... amor da minha vida

sim
eu vi cores
e curas
em pétalas
e amares
etéreos
a pairar

sim
eu vi auras
e auroras
e espíritos
hirtos
suaves mentes
a laçar

meu canto
meu poema
matemática
matam a mágica
fada fágica
a beijar

xvii

quando ela
a musa
se distancia

a deusa
da poesia
se pró-anuncia
amiúde

ela é doença
não é saúde

xviii

hoje
observo a encosta
e a mata
e o que era belo
se derrete
como o gelo
do meu coração
singelo

nunca fui homem de estudo
meu escudo
sempre foi tudo
que meus olhos viam
o sol
a lua
o rio
ou que não viam
o calor
e o frio
hoje tudo que vejo
é perene arrepio
qu'escorre pela
e
s
p
i
n
h
a

a morte m'espia...
espreita minha vida...
e já não observo
saída que me sirva
servo
de volta à ida...

minha ida minha vida
quem sabe n'algum dia
após a noite
o canto do coiote
encontre o mote

que devolva à estrofe
outra rima
e valha a pena
escrever algum poema
minha doença
é saúde
perdi a flauta
a pauta
e meu coração dessorri
ao sentir sua falta

lembro de uma velha ovelha
que antes de balir
seu último sussurro
olhou-me doce
como se a morte
cumprimentasse

agora sei
porque ela
rima com sorte
... e norte
desço do mundo
como se tudo
não passasse
de um sonho

ou pesadelo
medonho
que em fim
prestestou
acordar

a cor dar n'outra vida
menos só
menos doida...
menos doída...

minha parte
minha partida...
minha ida

xix

jovem e idoso
coração pesaroso
pulmão tuberculoso
pastor amoroso
assim caeiro se fora
morrera antes da hora
fora antes de ida
uma sobrevida só
junto a sua tia avó

sentira o coração
morto e calado
escreveu assim
o pastor apaixonado
seus poemas
eram as últimas
ovelhas que o guarda dor
havia guardado

quão tristes são
os últimos momentos
deste conto de fado
às margens de um rio sem nome
corria o tejo amado
com vinte e seis anos
seu coração havia parado

do coração

e não precisas pensar
no vento
que é ar
em movimento
para senti-lo
batendo

será que a alma pensa...
se pensasse
o corpo teria consciência
do que éramos
antes da nascença
na mais pura inocência

pois portanto
se a casca pensa
pensar é finito
e é só no não pensar
que sentimos o infinito

coração... bates involuntário
sem o cérebro pensar
mas este não pensa
sem o coração pulsar
porque o sentimento
sempre foi quem deu ar
ao pensamento

ida volta

i

ida foi
ida veio
carregada
pelo ferreiro
aportou em 1916
16 de fevereiro
em meio ao porto
do rio de janeiro
com roupas poucas
e pouco dinheiro
trouxera seu filho
com alberto caeiro

ii

depois de 24 dias no mar
entrara em outra terra
livre dos homens a odiar
livre da guerra

ledo engano
óh ódio... tu és do mundo
aah ódio... tu és de tudo

o ferreiro e seu coração frio
adoecera no navio
e dias após o desembarque
falecera núltimo arrepio

só com sua barriga
a passagem fora só de ida
e su'alma perdida
migrou com outros tantos
aos cantos do paraná
d'onde alguns meses depois
pariu um menininho
tristinho
tão sozinho
qu'em seu peito
seu coraçãozinho diziam
batia do lado direito
não nascera pramar
seus filhos
só prandar
pelos trilhos
em seu andar
andarilho

do nada

coração partido
partida de uma vida
combalido peito arrependido
como voltar e fechar a ferida...
um parto só de ida...

iv

de uma guerra
a outra terra
que aterra
outras guerras

chegara ida pela estrada de ferro
outra fera na mera face dos justos
terra de jagunços
movida a cavalo de aço
e gafanhotos gigantes
com o peito em estilhaço
a vida em bagaço
nada era mais
como seria antes

uma menina velha
levando ao peito
seu pastor de ovelhas
uma velha menina
trazendo ao colo
um pobre menino

assim quis o destino
traquino garoto
menino roto

e ida era só volta
em terra desconhecida
e linhas tortas
muito além do além do tejo
apesar do porém
pisca olha pensa mas o não... vejo

V

sem alguém
com ninguém
sem dinheiro
seu coração
só batia caeiro
caíra ao vento
sentira que o tempo
estava indireito
e a saudade feito
algo sem nome
devora e come
o peito caeiro
contestava
o chão contestado
voltava
ao tempo passado e alheio
qual arquiteto
a deixara sem teto
em meio
aos pinheiros
chorar não é feio
caíra ao abandono
sem ferreiro ou caeiro
sem dono
sempre dormira
sem sono
nesse solo gemido
onde ida teria ido
e parido
um coração ferido
ida de volta
havia partido

vi

deixara o filho
trem sem trilho parado
desamparado

fora criado
pela própria parteira
sem eira nem beira

feito pinheiro
em solo de areia
menino caeiro

vii

o mundo
no fundo no fundo
é simples...
contudo
mudo

e brincamos de adivinha
como crianças
severamente mesquinhas
em cirandas que vão...
e voltam à mão
carrossel
que não cessa
sobe e desce do céu
sem pressa
e sem léu
roda-gigante
gira girará
estonteante...
jamais irá
onde iria antes
nossa montanha-russa
ora incrível mente veloz
deixanossemvoz
o-ra-es-tra-nha-men-te-le-e-en-ta
nos aparenta

enfim... um parque
sem fim dos com fins...
simples assim
embarque e desembarque
de mim

viii

manhãs iam
noites vinham
cínicas idas e vindas
de uma vida

desde o porto
a união da vitória
sem cor ou ação
seu esmo coração
fora preso sem glória...
depois solto
absorto

como quem vai ao fim
voltara para janeiro
sim... pensara em cruzar
o mar vermelho
mas há mar
que não se abre
assim como amar
não cabe... no espelho

há mar que é amaré-moto

onde teria
parado... sem asa
sem casa sem comida
pordedentro carcomida
não havia mais jeito

seu peito era partido
de chão batido
era feito o seu leito
ela não era mais
de ninguém
era ela agora
ninguém

ix

ida veio
ida fora
partira
o ventre
negara o seio
e se fora
em desenleio

voltara
ao rio de janeiro
tentara
encontrar um barqueiro
que a devolvesse
a caeiro

mas não havia embarcação
que a levasse
do mar do rio
ao rio tejo
só ouvira o assovio
do navio do desejo

deixara o filho
à deriva nos trilhos
voltara os cilhos
para além da taprobana
os gigantes moinhos
já não eram abismos
mas abalos sísmicos
da vida cigana

quão triste estava e fraca
sua oração sem sujeito
carregava uma faca
cravada no leito
feito estaca
no peito

não sabia que tristeza
era algoz
passarinho sem voz
a cantar mudo
mundo cujo
o destino atroz
como albatroz
sobrevoara
por engano
todo oceano
e a deixara
a s...ó...s...

para não ser

ser ninguém
é não ser
de ninguém

como o ferreiro
ser pai
de um filho caeiro

ou o filho absorto
não ser de um
nem de outro

ou ainda pior
nascer
natimorto

ou nem nascer
ser ou não ser
um aborto

envolto ermo
como no inferno
viver enfermo

ficar ninguém
é do não ser...
é não do ser...

contrário ao orto
é sem porto
sem corpo

xi

e assim ida fazia
sem verso
nem poesia

de noite ou de dia
se chovia ou não chovia
seu corpo ela vendia

o mesmo corpo cujo
o poeta amou e cantou
era agora deveras sujo

e o destino...
esse menino
traquino

pintava as cores
em suas nuas cruas
dores incolores
porque ida
sem partida
era sem volta

pervertida
era mais não ida
mas revolta

xii

todas as inmanhãs
lavar-se-ia
ao mar d'agonia
ao mesmo mar salgado
com gosto da lágrima
fria que havia provado
aah por traz de todo esse sal
estaria seu amado
no além tejo de portugal

caeiro era morto
desde que partira
daquele maldito porto
ida era morta
desde que partira e seguira
sua vida torta
e o mar a fazia
esquecer e lembrar
da ressaca vazia
que a queria puxar
ao oceano
ondeando a chorar...

tudo secara
seu corpo sua alma
virara o saara

no deserto da solidão
feito excerto
perto do seu coração

xiii

certa vez
encontrara
um freguês
pensara
que talvez
fosse hora

deabrirseucoraçãocaeiro

ejáhaviasedespido
eatendeutodososseuspedidos
entresuspirosegemidos
sim...
menavega
todoocorpo
do mar
vermelho
ao amar morto

tira
toda sua
saliva
da sua
boca
emesirva
asas à língua
míngua
emeusuor
vai e volta
entra e sai
emeu calor

xiv

por acaso
ele acordou
ao ocaso

caso fosse
apenas outro
caso com o acaso

vestiu seu casaco
como se fosse
uma casca

calçou suas botas
nos cascos
e pisou nos cacos

e à luz do luar
seguiu pela lua
a caminhar

parou no primeiro
bar
para fumar

sem companheiro
só mente a fumaça
como seu par

xv

ida mulher da vida
vinda sem volta
sem saída

lembrava ainda
o gosto e o rosto
do último homem

não sabia seu nome
como a maioria
aparece e some

a rua se move...
pela lua
saía das nove

quem sabe
esta noite
caberia outra sorte...

xvi

a cada tragada
traziaopeito
a sede da febre

era ela... aquela
velha companheira
ligeira lebre

a igual quentura
mesma temperatura
d'outroras auroras

dos ouvidos aos poros
percorria os sentidos
de todos os polos

de todos os pelos
de todos os plexos
e os velhos anexos

mãe pobre pai
podre e vice-versa
febre de infância

tintinha que matar
aangústia que perfura
todaquelafúria

vampirismo maldito
rito lupino a uivar
febril emmeioao breu...

quando aportadobarabriu
à entrada e saída
entrara ida

xvii

era ele... era ela
o homem sem nome
a bela e a fera

olhar sem sorriso
palavraoouvido
idaodesconhecido

como pura ironia
era fim de fantasia
quarta-feira de cinzas

as praias vazias
a cidade ranzinza
foram à copacabana

da praia ao forte
e ao sul ou norte
à praia do diabo
vai ida como for
ademais a cabo
ao arpoador

e ali fizeram amor
até o mar ficar calado
de pavor

o nada

oooooooooh ida... mulher bandida
atroz vida à contramão
adormecida

só carregara pedra
no seu coração
de pedra

e como pedra
se paga por pedra
com pedra

do homem com febre
sentira a primeira pedrada
em sua cabeça suada

à segunda batida fúnebre
brilhara a lúgubre aurora
de sua inmemória

e à terceira... beira
ao mar intercalado
ouvira o grito mudo do absurdo

na quarta batida de cinzas
não tinha mais vida
ida estava partida...

xix

ida não sentira
nenhuma batida
de sua morte

nunca tivera sentido
nunca tivera sorte
sempre só e proibida
à libertação
do seu coração

ao ato do assassinato
sentira um arcanjo
repousando a mão

seu corpo levara o mar
último abraço
a ondear
à tempestade
daquela tarde de verão

no arpoador do rio de janeiro
ida voltara aos braços de alberto caeiro

da flor

e não foi uma vez
nem duas ou três
que as cem razões
do amor desfez
os corações

e irá dizer alguém
qu'existe razão
ou menos de cem
às feitas do coração
da vida e do além

e há quem digainda
que deus por torta
pauta escrevinha
enquanto corta
a rota dessas linhas

pouco muito importa
cada minuto vivido
uma minuta perdida
à ida em tempo vindo
oriundo de uma vida

o menino de ida
cresceu meio a meio
ferreiro caeiro e mário
achou umargarida
e virou ferroviário

claro, se não fora amado
como aprender ia amor
e por entre os trilhos
largara os filhos
abandonara a flor

minha flor minha avó
minha fortaleza só
criara três meninas lindas
e perdera um menino
para outro destino traquino

parecia que ela
era a menina caeira
calada e singela
vivendo em seu rio à beira
pela sua janela

e sem saber fazer versos
ensinou-nos sabedoria
ao inverso
sem poesia
enfrente e verso

que o universo é assim
cada coisa que cisma
seja não seja sim
provém de uma cataclisma
princípio perene
e fim

Amanhã ,Talvez, Fará Sol foi impresso no papel Avena 80g com
os tipos Figtree Regular 10,5/13,5 e Figtree Bold 13,5/13,5, em
Curitiba - PR, para a Editora Insight, em Dezembro de 2024.

SINOPSE

AMANHÃ ,TALVEZ, FARÁ SOL canta a história do amor impossível entre o poeta Alberto Caeiro – heterônimo de Fernando Pessoa – e a bela Ida, camponesa esposa do ferreiro, na região de Alentejo, Portugal. Ao estourar a primeira guerra mundial o ferreiro e sua esposa fogem ao Brasil, aumentando o sofrimento do casal proibido.

O AUTOR

CELSO GODOI NETO, casado com FRANCINE LEVANDOVSKI, professor nas disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa junto ao Estado do Paraná, onde desenvolve paralelamente projetos de leitura, literatura, teatro e música.

Escrevinhador desde a pré-adolescência, possui quatro livros publicados, bem como diversos postados em plataformas digitais. Em 2020 conquistou o prêmio literário "Em Outras Palavras", promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, como melhor livro de poesia.

[POESIA]

Avalie o livro
neste QRcode

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO